

# AFROS & AMAZÔNICOS



## APRESENTAÇÃO

A revista Afros & Amazônicos nasceu no tempo da pandemia. Seus editores e colaboradores vivenciaram a angústia das perdas, a fobia em relação à finitude e o descaso de autoridades públicas que, por vezes, pareciam mais nocivas do que o próprio vírus. Mas também assistiram a luta da ciência, dos profissionais da saúde e da maior parte da sociedade para encontrar as melhores soluções. No final do ano de 2021, a vacina e as medidas de distanciamento e proteção deram resultados e o flagelo começou a arrefecer.

Assim como a humanidade passou por um período de crise provocada pela atuação de um vírus instintivo e pela atuação intencional de autoridades públicas maquiavélicas ou lapsas, a revista também enfrentou problemas que ameaçaram sua existência em seu segundo ano. Em primeiro lugar, uma vulnerabilidade no Portal de Periódicos da UNIR, foi encontrada por hackers para atacar a página da universidade. A solução imediata dos técnicos foi retirar a capacidade dos buscadores da Internet de localizarem os periódicos; dentre eles, nossa revista. Somada à essa solução, os periódicos foram bloqueados para acesso internacional. Invisibilizada na rede e bloqueada internacionalmente, a A&A enfrentou uma crise enorme para encontrar colaboradores logo em seus primeiros anos críticos de existência.

Em segundo lugar, ao buscar uma solução definitiva para a questão, os técnicos viram que seria imperioso atualizar a versão do sistema OJS (*Open Journal Systems*) utilizado para gerenciar as revistas. Para isso, todos os periódicos da UNIR foram retirados do ar por vários meses. Quando finalmente recebemos a notícia em 31 de março de 2022 de que poderíamos começar a configurar as novas revis-

tas no novo Portal de Periódicos, ficamos sabendo que teríamos que iniciar praticamente do zero, pois as configurações, os perfis de usuários, as submissões novas e a maior parte dos números já publicados não foram migradas automaticamente. Então, começamos um trabalho manual de migração e de cooperação entre os editores de periódicos da universidade para colocarmos novamente nossas revistas operacionais.

Depois de quase dois meses de migração manual, de divulgação da revista e de submissões de novos artigos, recebemos a notícia em 27 de maio de 2022 que os técnicos da UNIR parariam todo o sistema novamente para realizar a migração completa de todos os periódicos. A A&A já estava toda operacional naquele momento, com vários artigos sendo submetidos e preparando a presente publicação e a subsequente que é um dossiê. O portal de periódicos ficou fora do ar novamente até 5 de julho de 2022. Quando retornou, além de ter que realizar todas as configurações básicas, perdemos todas as submissões novas.

Para uma revista que está tentando se estabelecer, esses problemas ameaçam seriamente sua existência. Novamente foi necessário, uma cooperação entre editores, técnicos e a PROPESQ para remediarmos os problemas e conseguirmos recuperar algumas informações. No entanto, as perdas foram enormes durante esse período. Vários autores deixaram de submeter seus artigos; outros pediram para desconsiderar a submissão, pois estariam publicando em outro periódico. No entanto, como na pandemia na qual as dificuldades foram superadas e a vida pôde novamente retornar ao cotidiano, agora as coisas parecem normalizadas e podemos avistar um momento de maior estabilidade para seguirmos com a nossa missão de



socializar pesquisas científicas no campo da História.

Feitas essas considerações, apresentamos agora os artigos daqueles colaboradores e colaboradoras que resistiram conosco e nos ajudam a trazer aos leitores a edição número 4 da A&A.

O primeiro artigo é de María del Pilar Gamarra Téllez que nos apresenta uma tradição oral de longa duração sobre o mito da deusa Pirichuchio na Amazônia Boliviana o qual estaria vinculado com a resistência indígena aos conquistadores de ontem e de hoje.

O segundo artigo intitulado “O Curador do Jarê: Saberes e Práticas Tradicionais na Chapada Diamantina” é de autoria de Cristiane Andrade Santos. Nesse artigo, a autora apresenta alguns aspectos de uma religião eminentemente brasileira, o Jarê, com ocorrência circunscrita à região da Chapada Diamantina, na Bahia. O objetivo principal desse estudo é apresentar alguns aspectos gerais dessa manifestação religiosa, em especial de seu líder espiritual, o curador, a quem os adeptos recorrem em busca de soluções para seus infortúnios de corpo e espírito.

O terceiro artigo, por sua vez, de autoria de Elaine Cristina Ventura Ferreira, trata da inclusão da cultura afro no contexto de um projeto nacional durante os anos de 1947 a 1964 pela atuação do folclorista Édison de Souza Carneiro. Ou seja, uma experiência que antecede muitas décadas a Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003 que instituiu a obrigatoriedade de incluir o estudo da história e da cultura afro brasileira na formação da sociedade nacional.

O quarto artigo de autoria de Dante Ribeiro da Fonseca nos remete à busca pela riqueza dourada no coração da Amazônia durante a década de 1980. É em si essa busca uma certa continuidade daquela busca pelo ouro instaurada pelos bandeirantes ao descobrirem as primeiras lavas no sertão, mas só que em um novo contexto histórico e de inovações tecnológicas. Buscando lançar um novo olhar so-

bre documentos históricos e sobre a compreensão histórica da atividade garimpeira, o autor aborda seu problema a partir da experiência pessoal de um garimpeiro que foi atraído para a região do Rio Madeira em busca fortuna.

O próximo artigo aborda a questão da violência contra a mulher, o feminicídio e o racismo. A autora Luciane Silva dos Santos inicia sua discussão a partir dos conceitos estabelecidos na Lei Maria da Penha (Lei 11.340/2006) e dos dados do mapa da violência de 2015 para buscar evidenciar as interfaces entre a violência doméstica e as diversas tonalidades fenotípicas.

Em seguida, o sexto artigo nos remete para a o continente Africano com o título “Cheikh Anta Diop e a Hipótese da Diferenciação Racial: O que as Pesquisas Genéticas Dizem?”. Seu autor, Márcio Paim, está preocupado em apresentar as hipóteses da diferenciação racial produzidas pelo historiador, antropólogo, físico e político senegalês Cheikh Anta Diop, ao estudar as origens da raça humana e da cultura africana pré-colonial, e compará-las com os estudos genéticos mais recentes.

De volta à Chapada Diamantina, o artigo de Fernando da Silva Monteiro e William de Lima Maia, intitulado “A Chapada Diamantina como Espaço de Contenda: Representações e Discursos no Cordel Horácio de Matos, Herói da Chapada Diamantina, de Antonio Alves da Silva”, discute, a partir de uma análise foucaultiana e da obra de Durval Muniz de Albuquerque Júnior, as representações sobre o Nordeste brasileiro presentes no gênero literário do cordel.

No oitavo artigo, Noliene Silva de Oliveira busca analisar a experiência da Educação Escolar Quilombola em Ilha de Maré, Salvador, Bahia. Através da análise de discurso, o artigo busca averiguar como os discursos apoiados nas lógicas da representação identitária interferem e constroem conflitos.

O último artigo escrito a duas mãos, por sua vez, analisa as imagens produzi-



das em um evento cultural no município de Guajará-Mirim, fronteira entre Brasil e Bolívia, intitulado Duelo da Fronteira. Trata-se de uma festa cultural amazônica, o Boi Bumbá. Maria Enísia Soares de Souza e Robson Fonseca Simões tomam as imagens compartilhadas nas redes sociais pelos colaboradores e simpatizantes desse evento cultural como discurso e assim os interpretam para construir uma visão histórica da cultura e da sociedade regional.

Portanto, apesar dos percalços e desafios, em nome de toda a equipe editorial, temos uma enorme alegria de trazer a público, mesmo que com atraso, o número que completa dois anos de publicações da A&A. Para os próximos anos, esperamos normalizar e consolidar nossa revista. Boa leitura!

*Rogério Sávio Link*

Dia de finados, 02 de novembro de 2022.